O enigma da carne de gaivota

Dante é meu nome. Preciso que não se esqueça disso. Mesmo quando chegar à metade desta história, quando souber o que aconteceu e concluir que sou um filho da puta, um monstro sem coração, preciso que não se esqueça: meu nome é Dante e eu era um cara legal. Você provavelmente quer saber como tudo começou. Se não for o tipo de pessoa que se impressiona à toa, posso te contar os detalhes.

Hoje, tentando resgatar a origem do caos, vejo que não é tão fácil. Com o tempo, a gente perde mesmo a noção das coisas: o que estamos fazendo, por que motivo, onde e quando a merda teve início. Em 2010, eu era só um moleque de uma cidadezinha do Paraná, famosa pelo turismo religioso, sem um tostão no bolso, cheio de sonhos, recém-aprovado numa faculdade do Rio de Janeiro. Depois de dois anos enfurnado num curso preparatório para o Enem, a oportunidade de mudar de ares e dividir um apartamento na cidade grande com meus três melhores amigos de infância, também aprovados, soava como o paraíso. Eu, Miguel, Victor Hugo e Leitão bebemos muito, rimos e comemoramos quase todos os dias antes da mudança. Era o melhor momento das nossas vidas.

Mas isso não interessa. Talvez o começo do caos não esteja em 2010, na nossa chegada ao Rio, e sim anos depois, quando já estávamos estabelecidos e tínhamos terminado a faculdade. Uma noite em especial

cisma de voltar à minha mente. Era março de 2015, nós ainda morávamos juntos, o calor carioca havia diminuído e subia uma brisa gostosa do mar de Copacabana. Como eu estava de folga na livraria, propus sair para comer pizza e beber cerveja. Todos aceitaram, até o Miguel, que nem fez cara feia. Sentamos no bar Inhangá, um boteco a duas quadras de casa, com cerveja barata e pizza razoável. O Hugo era formado em gastronomia e, com aquele seu jeito esnobe, odiava que a maioria das pizzarias no Rio tivesse sabores como cachorro-quente, estrogonofe, batata frita e brownie. O Inhangá era diferente: só tinha pizza de marguerita.

A gente já estava lá pela décima garrafa de cerveja e eu divagava sem prestar atenção em nada quando algo me fez lembrar do enigma da carne de gaivota. Gosto de problemas matemáticos, desafios lógicos, revistinhas de sudoku e jogos de palavras. Escutei esse enigma pela primeira vez de um professor da faculdade no sexto semestre, mas ele ainda continuava na minha cabeça. Naquela noite, decidi contá-lo aos meus amigos: «Um sujeito estava andando pela rua quando deparou com um restaurante que vendia carne de gaivota. Pediu a carne, comeu, foi para casa e se matou. Por quê?»

Eles tinham que fazer perguntas para tentar entender o que havia acontecido, e eu só podia responder «sim», «não» ou «irrelevante». Acho que todo mundo já jogou algo parecido. Por exemplo: o sujeito já pretendia se matar antes de comer a carne? Não. Ele pediu esse prato porque achava gostoso? Sim. Ele já tinha ido àquele restaurante? Irrelevante. Ele conhecia a gaivota usada no prato? Não. A carne de gaivota fez o sujeito se lembrar de algo do passado dele? Sim. E foi por isso que ele se matou? Sim.

Gastamos horas naquilo; bebendo e perguntando. Sim, não e irrelevante. Depois de muito tempo, você descobre que o sujeito é viúvo; que a mulher dele morreu em um acidente de avião; que ele também estava na aeronave na hora do acidente; que os sobreviventes foram parar numa ilha deserta sem comida; que o corpo da mulher desapareceu na queda; que os sobreviventes ofereceram carne de gaivota ao sujeito; que ele comeu e gostou; que ele sobreviveu até o resgate comendo

carne de gaivota, e por isso decidiu provar a do restaurante; e que, ao provar, ele percebeu que o que tinha comido na ilha anos antes não era carne de gaivota, mas a carne da própria mulher.

Até hoje, esse enigma exerce grande fascínio sobre mim. Nessa história, o que não sai da minha cabeça não é a morte da mulher do sujeito, nem o fato de ele ter jantado a coitada achando que era carne de gaivota, nem de ter se matado por isso. O que me fascina é que o marido comeu carne humana sem saber. E mais: gostou.

Classificados

Em fevereiro de 2010, a poucos dias do Carnaval, cheguei ao Rio de Janeiro acompanhado de Miguel e minha mãe, Hilda. Ela fazia questão de ajudar a escolher o lugar onde eu moraria com meus amigos. Queria continuar a exercer algum controle sobre mim a todo custo — era difícil aceitar que eu tinha crescido e viveria em outra cidade, a milhares de quilômetros de suas garras. Ao menos nesse início, eu tinha que engolir, porque precisava de ajuda financeira.

Nos hospedamos no quarto triplo de um hotel barato em Copacabana, compramos jornais e começamos a rabiscar. Naquele tempo, ainda se viam os classificados nos jornais impressos, que tinham um padrão: se o anúncio dizia «área ampla» significava que quarto de empregada e cozinha ocupavam o mesmo espaço; «benfeitorias» ou «reformadíssimo» significava que o imóvel cairia aos pedaços sem uma ajeitada básica antes; «vista para o verde» queria dizer «de frente para a favela». Adjetivos indicavam desespero: «sensacional», «maravilhoso» e «deslumbrante» eram os mais comuns. Mostravam que o apartamento estava vazio havia meses.

Era incrível a quantidade de imóveis velhos, decrépitos, fedidos e quase contaminados que as pessoas ofereciam para alugar. Em quatro dias na cidade, visitamos muquifos inimagináveis. E lugares decentes

com *preços* inimagináveis. Enquanto os blocos de Carnaval lotavam as ruas de alegria e barulho, nós murchávamos de desgosto. Morar na Zona Sul do Rio de Janeiro era como morar num castelo europeu ou num resort nos lagos andinos: estava fora da nossa realidade.

Pouco antes da data marcada para a volta, visitamos o penúltimo apartamento da lista. O corretor chegou ao prédio quinze minutos depois do combinado — eu ainda não havia descoberto que, para os cariocas, quinze minutos não caracteriza atraso, mas uma demora razoável. Ele se chamava Heitor e era um gordinho careca com jeito de boneco de ventríloquo: ombros firmes sobre a coluna ereta, cabeça girando de modo robótico para a esquerda e para a direita. Abriu um sorriso falso, desculpando-se pela demora, e retirou um lenço encardido do bolso para enxugar a testa. Depois da conversa de praxe, tomamos o elevador até o sétimo piso.

O prédio era daqueles antigos, com um único apartamento por andar, de quatro quartos. Ao entrar na sala, tive que conter a surpresa. Logo me lembrei de uma reportagem que eu havia lido dias antes em uma revista sobre japoneses que moravam em gavetas de cinco metros quadrados em Tóquio. Pobres asiáticos. Aquela sala era o exato oposto: tinha espaço sobrando, com uma imponente mesa de tampo de vidro escuro e dez cadeiras; quadros de arte contemporânea tão bonitos quanto confusos nas paredes, um sofá seminovo bem confortável e uma televisão de tela plana na antessala. Mecanicamente, Heitor abriu portas e fez elogios aos armários embutidos e à boa localização do imóvel. Falava sem parar: taco de madeira, sistema elétrico novo, sol da manhã na sala e da tarde nos quartos.

«Tem uma favela na altura do posto um e outra na altura do seis, controladas por facções inimigas», disse. «Estamos no posto três, uma zona cinzenta. É bom porque nenhuma das duas facções assalta nessa área, pra não arranjar conflito com a outra.»

Basicamente, ele estava dizendo que o apartamento ficava na faixa de Gaza carioca, e que isso era uma vantagem. Ignorando a lógica absurda, fui conhecer um dos quartos. Tinha até pilastras. Mesmo com a cama e as mesas de cabeceira, dava para dançar, pular loucamente e empilhar japoneses ali.

— O que achou? — perguntei a Miguel, enquanto minha mãe tagarelava com o corretor em outro cômodo.

— Deve custar uma fortuna — ele disse, maravilhado.

Rimos da nossa desgraça. Aos dezenove anos é normal querer salvar o mundo, se sentir perdido na vida e ter que contar o dinheiro para pagar uma garrafa de cerveja — tudo isso ao mesmo tempo. Aquele lugar não era para nós, com sua sala enorme e seus quartos magníficos. Por mais que fosse doloroso saber que meu castelinho de areia seria destruído pelo corretor, continuei a sonhar. Abri uma das janelas da sala, voltada para a copa das árvores, e respirei fundo. Lá embaixo, formiguinhas humanas zanzavam pelas ruas, micro-ônibus expeliam gás carbônico e ambulantes ocupavam as calçadas. Logo o boneco de ventríloquo se aproximou, com jeito de quem não quer nada, mas na verdade quer muita coisa.

— Vocês são de onde?

— Pingo d'Água — respondi. — Uma cidadezinha no Paraná.

— Perto de Curitiba?

— Não, fica mais pra Foz do Iguaçu. Mas é o fim do mundo.

— Os três vão morar aqui?

— Eu só vim ajudar — minha mãe se intrometeu. — São quatro amigos de infância, vão fazer faculdade no Rio.

— Quatro jovens? — Heitor perguntou, esticando o pescoço.

Seus olhinhos opacos me encararam brevemente, antes que ele voltasse a passar o lenço pela testa encharcada de suor.

— É um grupo súper do bem, o senhor pode confiar. Sou a mãe deste aqui.

Ela apontou para mim como quem escolhe um sapato numa vitrine. Eu odiava fazer parte do clichê jovem-que-abandona-o-interior-pra-ganhar-a-vida-na-metrópole. O ventríloquo simulou simpatia:

— Vai estudar o quê?

— Administração na UERJ.

— Ah, que bom — ele disse, com o rosto inexpressivo. — E você?

— Medicina na UFRJ — Miguel respondeu, encarando os próprios pés.

— Ele passou em quinto lugar — fiz questão de acrescentar.

Os pais de Miguel sempre trabalharam para meus pais. Crescemos na mesma casa, criados como irmãos. Eu já estava acostumado à timidez dele. Miguel preferia passar despercebido a exibir seus méritos por aí. No jardim de infância, ele se juntava a mim e ao Leitão no grupo dos excluídos. Agora a psicologia tem nome para o que as crianças de oito anos fazem umas com as outras: *bullying*. Na época, em Pingo, ele era só o lesado, eu era a bichinha e o Leitão era o *Free Willy*. Até a gente se tratava assim.

Miguel sempre foi quieto, ensimesmado, estudioso. Gostava de ler, fazer experiências científicas no quintal e mexer em bichos mortos. Eu ficava ao lado, fascinado com sua intimidade com os mistérios do Universo. Seus pais mal sabiam ler e escrever, mas, contrariando todas as expectativas, ele era genial desde pequeno. Cursar medicina no Rio era o começo da realização do seu sonho de ajudar as pessoas. Enquanto isso, os garotões que nos sacaneavam e paqueravam as menininhas da escola agora ordenhavam vacas, mascavam fumo e eram pais de quatro filhos de mães diferentes em Pingo d'Água. Isso me dava certo orgulho.

Heitor parabenizou Miguel de modo automático e perguntou:

— Cadê os outros dois?

— Ficaram em Pingo até a gente resolver tudo.

O corretor tossiu. Suando e cuspindo perdigotos, falou da taxa de condomínio, do porteiro vinte e quatro horas e da vaga de garagem.

— Vocês têm carro?

— Um só.

Nossa carroça era um *Verona* 1998 vinho, carinhosamente apelidado de Bukowski. Nós quatro dividíamos a gasolina, o IPVA e as despesas de manutenção. Bukowski era nosso xodó. Apesar de velho e de beber bastante, ainda era capaz de longas aventuras: nosso plano era sair de Pingo com ele dali a um mês e chegar à Cidade Maravilhosa em sete dias, dessa vez para ficar. Sem dúvida, seria uma viagem divertida.

Após visitar todo o apartamento, voltamos à sala. Sentei no sofá, passando os olhos por cada canto daquele lugar perfeito. Com as mãos pressionando os joelhos de tão nervoso, olhei para os outros com um silêncio constrangedor. Havia chegado a hora.

Forjei um tom despreocupado para perguntar:

— Quanto custa o aluguel?

O corretor criou certo suspense: foi buscar o valor exato em sua planilha no celular e… Tudo bem, sei que não devo me gabar do acaso, de conquistas que não são minhas, mas milagrosamente o valor estava dentro do nosso orçamento. Ele explicou que os proprietários tinham pressa em alugar porque haviam sido transferidos a trabalho, precisavam viajar e queriam deixar tudo já acertado e assinado. Mesmo nas nuvens, tentei não demonstrar minha euforia. Engoli o sorriso para dizer:

— Ótimo.

— Vocês precisam depositar três meses de aluguel ou apresentar fiador.

— Vou depositar a caução — minha mãe se apressou em dizer.

Sei que deveria tê-la contrariado. Nenhum de seus favores vinha de graça. Começar a vida no Rio de Janeiro com uma muleta daquelas não podia ser bom. Ainda assim, cedi. Queria muito ficar naquele apartamento incrível. Enviei um torpedo ao Leitão e ao Hugo avisando que tínhamos encontrado o lugar ideal.

Naquele momento, eu me sentia um sortudo. Havia um longo caminho pela frente, mas eu tinha dado o primeiro passo rumo a um futuro de sucesso. Conquistaria tudo o que havia para conquistar, seria rico, bem-sucedido e independente. Adeus, sociedade rural e preconceituosa! Adeus, mãe e suas indiretas! Ali, era como se nada pudesse dar errado na minha vida.

Eu não poderia estar mais enganado.

[Carta]

Rio de Janeiro, 22 de março de 2010

Oi mãe, tudo bem?

Finalmente estou no Rio de Janeiro, nem acredito! O apartamento que o Dante e o Miguel escolheram é incrível, é realmente tudo o que disseram por telefone. Meu quarto é o maior, com vista para um hotel chique que tem na outra esquina, todo espelhado. A rua é a Ministro Viveiros de Castro, tem um monte de árvores e pouco movimento, parece até Pingo, mesmo em Copacabana. A estação de metrô mais próxima é a Cardeal Arcoverde, a duas quadras. Enquanto a faculdade não começa, estou aproveitando para descer nas estações e conhecer a cidade. Fui ao Cristo Redentor, claro. E orei pela senhora, pela bispa Lygia e por toda a comunidade da Universal do Senhor Crucificado.

Descobri uma igreja aqui perto de casa também, com cultos às terças e quintas, e estou pensando em congregar com eles. Comentei com o pastor daqui (o nome dele é Sérgio) que a senhora é diaconisa junto com a bispa Lygia, e ele ficou muito animado, disse que adora ela também. Depois do culto, ele me chamou para conhecer sua casa e me mostrou sua coleção de DVDS. Tinha uns quatro da bispa, inclusive aquele *show* em Salvador, que é mais difícil de achar. Ouvimos os DVDS e cantamos *O ungido do Pai* e *Senhor, vem me abençoar* e outras menos conhecidas, como

Louvor ao Glorioso, *Quantas bênçãos conquistei* e *Cura-me, ó Senhor Deus*. O pastor Sérgio é mesmo fã da bispa Lygia.

Fiz minha matrícula na faculdade esta semana também. A PUC é muito bonita, parece coisa de cinema, com uns bancos a céu aberto, área verde, uma galera conversando e discutindo projetos. Tive um pequeno estresse com a entrega dos documentos. É incrível a papelada que a gente precisa apresentar. De todo modo, agora sou oficialmente um estudante do curso de Ciência da Computação da PUC do Rio de Janeiro, com muito orgulho, sim, senhora.

Aqui tem tudo perto (até mais perto que em Pingo): mercado, lanchonete, floricultura, manicure, LAN house, padaria, curso de dança e umas três academias. Sei que você deve estar preocupada com meu peso, por isso vai ficar feliz em saber que me matriculei na Intelligent Fit. Eles têm um programa legal para pessoas como eu, com acompanhamento de professores e tudo mais. O instrutor montou uma série de exercícios para mim, com muito aeróbico e alguma musculação para ajudar a perder gordura. Fui ontem, fui hoje, devo ir amanhã. E parece que às quintas-feiras rola uma feira de rua aqui perto, na Ronald de Carvalho. Pretendo comprar frutas e verduras por lá. Minha ideia é cortar de vez refrigerante, chocolate e fritura e ficar só no suco. Vai me ajudar a ter uma vida mais saudável. E a senhora vai ficar orgulhosa quando vier me visitar. Um filho graduando e magro. Pode ser melhor?

Junto com a carta, estou mandando um postal daqui da cidade, com Cristo de braços abertos.

Deus te abençoe.

Beijos do Leitão